

PDS e PFL catarinenses voltam a se unir com vistas à eleição de 90

por Valério Fabris
de Florianópolis

A tranqüila confirmação da vitória de Fernando Collor de Mello para o segundo turno eleitoral, já nas primeiras horas da apuração dos votos em todo o País, provocou um efeito imediato em Santa Catarina. As conservadoras lideranças políticas do PDS e do PFL puseram-se a declarar suas intenções de manter a coalizão de direita que venceu as eleições municipais no estado, em 1988.

Isso significa que o prefeito de Florianópolis, Esperidião Amin (PDS), e o senador Jorge Bornhausen (PFL) deverão repactuar o acordo firmado em 1988 com vistas à disputa pelo governo do estado, no próximo ano. Amin — um político de estilo populista e que se notabilizou no governo do estado (1983-87) por grandes concessões ao funcionalismo público — aderiu à candidatura Collor de Mello tão se logo formava uma grande onda nacional do neoconservadorismo do PRN. Ele, anteriormente, acenara com a possibilidade de apoiar Leonel Brizola. E, logo depois, disputou a convenção do PDS, que acabou escolhendo Paulo Maluf como o presidencialável do partido.

Ao desenhar-se a perspectiva da "onda" Guilherme Afif Domingos, o senador Jorge Bornhausen liderou o seu influente grupo do PFL para um ostensivo apoio à candidatura do Partido Liberal. Esse movimento, paralelo ao de Esperidião Amin, indicava que Bornhausen contaria com o prefeito de Blumenau, Vilson Kleinubing (PFL), para concorrer ao governo do estado, indicando-se assim um potencial esfacelamento da coalizão com o PDS. As possibilidades de fracionamento da coalizão PDS/PFL ficaram robustecidas com o largo prestígio popular e com o forte apoio empresarial alcançados pelo prefeito de Blumenau, ao passo que Amin encontra notórias dificuldades para fazer deslancar sua administração em Florianópolis.

O senador Jorge Bornhausen afirma que está completamente fora de cogitação o apoio do seu grupo às candidaturas de esquerda que disputam a vaga para o segundo turno eleitoral — Leonel Brizola e Luiz Inácio Lula da Silva. Os pefelistas de Bornhausen

devem cerrar fileiras com Amin para dar sustentação à candidatura Collor, a única alternativa aceitável pelos conservadores para tentar abafar a incômoda e crescente presença dos petistas e dos tucanos de inclinações sindicalistas nas cidades industriais do estado.

A definição de quem será o candidato em uma presumível continuação da aliança PDS/PFL fica para depois — Esperidião Amin ou Vilson Kleinubing. Não resta à ala progressista do PMDB outra opção a não ser apoiar Lula ou Erizola, conforme avisa o governador Pedro Ivo Campos. Do lado do PMDB, há uma profusão de postulantes à cadeira ocupada hoje por Pedro Ivo Campos — entre outros, o deputado federal Luiz Henrique da Silveira; o secretário estadual de Planejamento, deputado federal Paulo Macarini; o senador Nelson Wedekin. Mas o PMDB catarinense enfraqueceu-se com o surgimento do PSDB, a dissidência que passou a abrigar influentes parlamentares federais, tais como os deputados Francisco Kuster, Dirceu Carneiro e Vilson de Souza.

Nelson Wedekin diz que se empenhará para que o PMDB busque uma reaproximação com os quadros que emigraram para o PSDB, a seu ver um caminho natural dentro de um perfil claramente centro-esquerdista. Não se sabe, porém, se as intenções do senador Wedekin são de atrair os tucanos de volta para o PMDB ou se, uma vez fracassadas as tentativas de afastar os conservadores pemedebistas, o caminho seria engrossar os quadros do PSDB.

O governador Pedro Ivo Campos é reconhecidamente um correligionário fiel às decisões da direção do PMDB, uma lealdade que o levou a manter-se ao lado de Ulysses Guimarães antes e depois da convenção, durante a campanha eleitoral e, agora, na defesa do apoio a uma candidatura progressista para o segundo turno. Embora colecionasse um rol de êxitos no saneamento de combalidas empresas estatais catarinenses e marcasse o seu governo com uma postura austera, Pedro Ivo Campos padece, a exemplo do que aconteceu com Ulysses Guimarães, de ter participado da transição democrática — confusa para o entendimento popular.